



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA  
CURSO DE GRADUAÇÃO SERVIÇO SOCIAL**

**BIANCA PEREIRA DA SILVA**

**O “SIGNIFICADO” DO FEMINISMO NEGRO**

**MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)**

**2019**

BIANCA PEREIRA DA SILVA

O “SIGNIFICADO” DO FEMINISMO NEGRO

Monografia apresentada à UFT (Universidade Federal do Tocantins), - Campus Universitário de Miracema como requisito para obtenção do título de bacharela em Serviço Social, sob orientação da Professora Doutora Vanda Micheli Burginski.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586" Silva, Bianca Pereira da.  
O "significado" do feminismo negro. / Bianca Pereira da Silva. –  
Miracema, TO, 2019.  
54 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Miracema - Curso de Serviço Social, 2019.

Orientadora : Vanda Micheli Burginski

1. Mulheres Negras. 2. Sexismo. 3. Feminismo Negro. 4. Racismo. I. Título

**CDD 360**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

BIANCA PEREIRA DA SILVA

O “SIGNIFICADO” DO FEMINISMO NEGRO

Monografia apresentada à UFT (Universidade Federal do Tocantins), - Campus Universitário de Miracema como requisito para obtenção do título de bacharela em Serviço Social, sob orientação da Professora Doutora Vanda Micheli Burginski.

Data de Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof.(a) Dr. (a) Vanda Micheli Burginski. Orientador (a), UFT.

---

Prof.(a) Dr.(a) Gleys Ially Ramos Santos. Examinador (a), UFT.

---

Prof.(a) Dr.(a) Solange Aparecida do Nascimento. Examinador (a), UFT.

Dedico este trabalho aos meus ancestrais, e às mulheres negras mais velhas quais são responsáveis pelo meu viver; e a todas que resistem e já resistiram para que hoje pudéssemos sonhar e continuar a luta por elas, pois meus passos vêm caminhando através do tempo; vêm de muito longe.

Marielle Franco; Presente!

## AGRADECIMENTOS

Nossas batalhas são grandiosas quando temos apoio, incentivo, amor e carinho. Ao longo de toda a minha jornada longe de minha mãe, construí vínculos inimagináveis, rompi com outros, e ainda assim continuei a seguir o meu caminho em busca das minhas realizações das quais já eram e mantêm-se importantes; foi a partir da vivência de cada perda ou novo laço que aprendi a me reconstruir e auto fortalecer. Desisti de vários sonhos, e idealizei tantos outros tendo em cada um deles o foco necessário para não descarrilhar. Apesar da minha obstinação, eu também recuei, parei, voltei atrás e renunciei a muitas coisas inimagináveis. Neste momento, é onde relembro o começo.

Agradeço de imenso coração à minha amiga Rêjane Moura, que há cinco anos pagou minha inscrição do vestibular, me possibilitando de todo o coração a oportunidade de realizar um sonho: Ingressar numa universidade federal. Comemorou comigo e também chorou, se fez presente em muitos momentos da minha vida e me deu apoio, conforto no início deste caminho, e foi bem clara ao expressar que não desistiria de me ver graduando, mesmo após eu haver desistido de uma formação anterior por não ter condições financeiras. Esta mulher que vos falo me deu a oportunidade de sonhar e realizar este sonho do qual serei grata por toda a vida, jamais esquecerei disso.

Jamais poderia esquecer-me de minha avó, Joalice, grande incentivadora que me criou tendo como único objetivo dar-me um bom estudo que possibilitasse uma graduação, e que tão cedo me deixou. Uma inspiração, por ser minha primeira referência de uma mulher de luta. Acompanhou-me em cada pensamento, desde os quatro anos de idade até hoje; me adotou e me amou profundamente. Devo-lhe a vida, desde o momento em que tentou como pôde, me proporcionar conforto, e me emancipar para o mundo. Plenamente ciente de que não ficaria fisicamente em minha vida para sempre, deixou-me de herança a sua força e perseverança para seguir em frente.

À minha mãe, Arlene, que me abraça ainda que seja apenas por telefone e que consegue enxugar minhas lágrimas de saudade só pelo afago de sua voz, enquanto aguarda ansiosa pelo meu retorno. Uma mulher a quem devo o meu amor, e paciência, e que é também minha referência de mulher negra. Abriu mão de minha presença física cotidiana apenas para que eu pudesse seguir o meu caminho, diferente, e ainda assim próspero.

Meus agradecimentos mais sinceros aos técnicos da Universidade Federal do Tocantins, que me acompanharam durante todos estes anos. Especialmente ao Dorisvan, que ainda enquanto secretario acadêmico do curso de Serviço Social, fazia o que podia para nos

ajudar e mesmo hoje exercendo uma outra função, não nos abandona; e que é também meu companheiro de cafezinho, sempre. Aos servidores terceirizados, em especial à Luzineide, que sempre demonstrou preocupação com o meu bem-estar ao me mandar mensagens, e dona de um abraço casa.

Agradeço à Ana Cláudia, dona Vanda, e Seu Jarbas, que tanto adoro, e que se encarrega de cuidar de cada detalhe das plantas do campus, sempre muito simpático. Damião, o motorista mais amado por cuidar tão bem de nós durante nosso estágio, tratando-nos como um pai, sempre cuidadoso, meu imenso carinho por você. Gilvan, que esbanjou paciência com a gente e que é muito responsável. Vocês não só cuidam do nosso campus, como contribuem também de maneira especial na vida de cada um de nós.

Agradeço à professora Dr. Maria Aparecida, por me apresentar o feminismo negro e me inserir nos espaços de ativismo, também pelo seu amor e cuidado. Aos professores (as) que fizeram parte desta caminhada: Gleys Ramos, pela inspiração enquanto mulher negra, feminista e de luta que eu me inspiro a cada dia; Denize Leite, pela doçura e palavras de conforto nos momentos difíceis. Francisco (Chico), por me deixar mais apaixonada pelo movimento negro e me acolher com toda sua alegria; Solange Nascimento, pelo seu amor, carinho e representatividade da qual me orgulho muito e agradeço por ter conhecido e me aproximado de uma maneira tão nossa.

Regracio à Milena Lacerda, pelo apoio nas referências bibliográficas; Jean Carlo, Daniele Bueno, Carlos Rosa, Maria Helena Zamora, João Nunes, Rosimery Negreiros, Célia Grandini Albiero, Giselli Tamarozzi, André Luiz, Ana Lúcia, e Professora Maria Helena Cariaga, por sua força e amizade durante cada ensinamento, e a todos que seguraram minha mão durante esta jornada acadêmica. Por representar mais que um amigo, agradeço também ao meu irmão, que cuida e me segura sempre quando vou cair, Artur Bezerra, a quem muito devo por estar ao meu lado sempre nos piores momentos, sendo um dos pilares que não me deixou desistir de mim neste momento tão difícil que foi escrever este trabalho, saiba que amo você.

Aos meus amigos e família, que mostraram o significado de amor e força, me acolhendo com palavras, companhia e zelo: Carina Gessika, Fernanda Reis, Lizi, Ismael Barreto, Jady Aline, Guilherme, Karine Correa, Wanessa Sampaio, Raphael, Gabriella Santana, Michele Pova, Lívia Iasmim, Marcão, Lívio Castro, Itíla, Maiara, Regiron, Thays, Hellen, Aline Sampaio, Thiago, Luara, Pitágoras, Victória, Camila, Diogo, Danila, Gabriel Henrique (Sagaz), e Vinícius Barreto, pela amizade verdadeira que me fortalece todos os dias ainda que esteja longe.

Ao José Fernando Patino Torres, que me proporcionou conhecer o significado do amor diante da persistência, das renúncias e da força para não desistir dos meus sonhos (ainda que isto fosse me custar um tanto de sofrimento para alcançá-los), estando comigo durante parte desta caminhada e que muito me fortaleceu com suas palavras e companheirismo em cada ato de amor. Aos meus irmãos, Pedro Paulo e João Pedro, minhas razões de viver. Ao meu pai, Paulo, e minha madrasta Arone; também aos meus tios Jorge Luis, Gerôncio e Cristina que tanto brigam para que eu estude mais e mais, exemplos de perseverança; e meus primos (as), Gabriel, Heitor, Jasmine e Júlia.

Cordialmente à minha orientadora e amiga, professora Dr<sup>a</sup>. Michelle Burginski, por me acolher, e exercer atributos tamanhos. Gratifico cada puxão de orelha e também por ter-se mostrado tão aberta ao aprendizado mútuo durante esta pesquisa, que mesmo com todas as minhas dificuldades apoiou-me para que eu não cedesse aos momentos de angústia, me consolando em momentos duros e me mostrando que devo confiar em mim mesma, todas as vezes em que eu ousar pensar em deixar-me estancar. Uma mulher incrível da qual só tenho a regradar por ser um verdadeiro estímulo para com os movimentos sociais.

Professora Clarissa Menezes, obrigada por me ajudar a manter a calma, e também pelo carinho que construímos uma pela outra durante esta jornada. Minha eterna GRATIDÃO a todos que fizeram e fazem parte de minha vida, e que me ajudaram a construir esta parte de minha história.



EU ME LEVANTO

Você pode me riscar da História  
Com mentiras lançadas ao ar.  
Pode me jogar contra o chão de terra,  
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?  
Por que meu brilho o intimida?  
Porque eu caminho como quem possui  
Riquezas dignas do grego Midas.  
Como a lua e como o sol no céu,  
Com a certeza da onda no mar,  
Como a esperança emergindo na desgraça,  
Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?  
Cabeça curvada e olhos para o chão?  
Ombros caídos como as lágrimas,  
Minh'alma enfraquecida pela solidão?  
Meu orgulho o ofende?  
Tenho certeza que sim  
Porque eu rio como quem possui  
Ouros escondidos em mim.  
Pode me atirar palavras afiadas,  
Dilacerar-me com seu olhar,  
Você pode me matar em nome do ódio,  
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.  
Minha sensualidade incomoda?  
Será que você se pergunta  
Porquê eu danço como se tivesse  
Um diamante onde as coxas se juntam?  
Da favela, da humilhação imposta pela cor  
Eu me levanto  
De um passado enraizado na dor  
Eu me levanto  
Sou um oceano negro, profundo na fé,  
Crescendo e expandindo-se como a maré.  
Deixando para trás noites de terror e atrocidade  
Eu me levanto  
Em direção a um novo dia de intensa claridade  
Eu me levanto  
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,  
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.  
E assim, eu me levanto  
Eu me levanto  
Eu me levanto.

Maya Angelou

## RESUMO

Este trabalho propõe uma crítica sobre a inviabilização da história das mulheres negras no Brasil, e das ideias organizacionais que se têm em diferentes espaços. Trata-se da resistência destas mulheres na busca de seu próprio protagonismo histórico, qual já se enfrentou e ainda se enfrenta muitos desafios no combate sociocultural de um país racista, machista, sexista, e que muito agride e mata mulheres negras. No período escravocrata houve um massacre às mulheres negras, e hoje de uma maneira velada retiram estas mulheres de seus espaços ao privilegiarem mulheres brancas, negando-nos o que é nosso. Tendo como parte da busca para compreender os processos, este trabalho tem o propósito de mostrar a que modo se deu as lutas das mulheres negras dentro dos movimentos sociais, desde o período histórico desconhecido pela literatura, que esconde a importância e principalmente o real papel dessas mulheres na construção histórico social deste país até os dias atuais, elencando as suas pautas que objetivam o combate do racismo, do sexismo e da violência contra as mulheres negras. Com isto, sua trajetória dos últimos trinta anos de mobilizações organizadas em todas as regiões do país, desde o contexto em que os processos estavam iniciando em 1988 com as primeiras reuniões, até o Encontro Nacional de Mulheres Negras; que ocorreu 30 anos depois, no ano de 2018.

**Palavras chave:** Mulheres Negras. Sexismo. Feminismo Negro. Racismo.

## **ABSTRACT**

This paper proposes a critique about the unfeasibility of the history of black women in Brazil, and about the organizational ideas that have different spaces. It is the resistance of these women in the search for their own historical protagonist, which has already faced and still faces many challenges in the socio-cultural combat of a racist, sexist, sexist country, and that very much attacks and kills black women. In the enslaved period there was a massacre to black women, and today in a veiled way they withdraw these women from their spaces by privileging white women, denying us what is ours. As part of the quest to understand the processes, this paper aims to show how black women struggled within social movements, from the historical period unknown by literature, which hides the importance and especially the real role of these women. women in the social historical construction of this country until the present day, listing their guidelines aimed at combating racism, sexism and violence against black women. With this, its trajectory of the last thirty years of mobilizations organized in all the regions of the country, from the context in which the processes were beginning in 1988 with the first meetings, until the National Meeting of Black Women; which occurred 30 years later, in the year 2018.

**Keywords:** Black Women. Sexism. Black Feminism. Racism.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

HGP - Hospital geral de Palmas

I ENMN - I Encontro Nacional de Mulheres Negras

ENMN - Encontro Nacional de Mulheres Negras

ONU - Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 ENEGRECER O FEMINISMO E SEU SIGNIFICADO .....</b>	<b>22</b>
<b>3 O FEMINISMO NEGRO E SUAS PAUTAS .....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 anos e suas pautas: .....</b>	<b>41</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### *Eu e nós Mulheres Negras*

*[...]Você pode me riscar da História  
Com mentiras lançadas ao ar.  
Pode me jogar contra o chão de terra,  
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.*

*Minha presença o incomoda?  
Por que meu brilho o intimida?  
Porque eu caminho como quem possui  
Riquezas dignas do grego Midas.  
Como a lua e como o sol no céu,  
Com a certeza da onda no mar,  
Como a esperança emergindo na desgraça,  
Assim eu vou me levantar[...]*

*(Maya Angelou)*

Apresento este trabalho intitulado “O significado do feminismo negro”, tendo como base precursora a necessidade de nos reafirmarmos como protagonistas, onde o ser “Negra” atravessou toda a minha vivência histórica até o momento do tornar-se mulher negra. Nesta introdução, não encontrarás um escrito formal dotado de “academicismos”, utilizando uma fórmula para a sua elaboração. Aliás, isso foi proposital, pois implica em reafirmar uma autonomia de ocupação deste espaço que é meu, e também nosso lugar de fala. Ao afirmar tal resistência, implico em dizer que a lógica da ciência está sedimentada em aparatos formais que se constituem dentro de formas dominativas que precisam ser revistas; e a dificuldade em encontrar escritos acadêmicos sobre o tema não nos fez desistir, fazendo-nos optar pelo falar de si, e de nós, enquanto seres singulares e plurais.

A partir do método, o caminho percorrido foi o de aproximação máxima da realidade a datar de alguns escritos e reflexões de mulheres negras sobre o tema do feminismo negro, bem como, abordando autores(as) que contribuíram para a formação social brasileira que se ocuparam de projetos com temas acerca da raça, sendo este o nosso mergulho realizado em duas obras: “Mulher na sociedade de classes: mito e realidade”, da autora Heleith Saffiotti

e, o “Significado do Protesto Negro”, de Florestan Fernandes, numa tentativa de trazer a compreensão teórico-metodológica da nossa formação sócio-histórica e as marcas da escravidão.

Fazer isto não foi tarefa fácil, à medida em que implica num mergulho profundo e exigente de interpretações para pensar os tempos atuais de forma crítica. Desta forma, reafirmamos nossa escolha pela vertente teórica marxista, aquela que não se prende a dogmatismos, e que se vislumbra criativa, propositiva e atenta à realidade da classe trabalhadora, que tem sexo, cor e é atravessada por interseccionalidades. Entendemos o método marxista para além do encaixe de teorias já prontas e concebidas na realidade, e quando estas teorias não coincidem com a prática, ou, deturpam-se uma ou outra (realidade/teoria); quando se trata de abordar o racismo e o sexismo, esta prática vazia de significados é bastante perturbadora. Com isto, queremos afirmar a potencialidade do método crítico dialético e a necessidade de seu diálogo com outras vertentes e análises.

Com o passar do tempo a necessidade de ter e conhecer referências da ancestralidade a qual pertenço veio a me cobrar todos os dias, e mesmo depois de estar na academia, achei que meus rumos seriam pesquisar e conhecer a saúde mental. Estagiei no Hospital Geral de Palmas (HGP), e me apaixonei pela discussão de inserção na saúde mental. O começo veio com uma escrita um tanto insegura, mas fui até os limites da minha própria saúde mental, sendo que a mesma desvendou o porquê de tamanha fragilidade e no período póstumo de tantas vivências enquanto uma ativista negra é que eu pude perceber que era isso o que me chamava.

Captei os sinais de que era sobre mim, e sobre todas as outras mulheres negras que o que eu tenho que falar deveria tratar. Precisava discorrer sobre isto, pois pulsava em meu interior uma angústia consequente de tantas amarras que neste momento enfrentava, que apenas depois interpretei que era o lugar em que eu estava que doía, e que isto não devia doer, que teria de ser vivido com imensidão, porém não foi bem por aí.

O feminismo negro esteve sempre presente nas minhas atividades e em mim. Depois de um momento devastador de perdas e renúncias, pude presenciar o Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 anos, e durante os quatro dias do encontro estive sob efeito de uma medicação para conseguir segurar os ânimos e ter condições de viver aquele momento que fora o *boom* para que estes ensaios de ensaios acontecessem. A concretização do que já havia sido cobrado se intensificou quando recebi tantas energias do “meu povo”, das minhas iguais e as forças foram se reconectando e se fortalecendo.

Estes ensaios baseiam-se em memórias documentais, momentos vivenciados e

falas construídas de mulheres negras que ainda permanecem na luta por seus lugares de fala para que as suas histórias possam receber o devido respeito, e reconhecimento, como parte da construção histórica de um país que se nega aceitar a participação do povo negro, e que os esconde em contos romantizados ou flagelados por uma elite branca que apesar de serem a composição da minoria populacional, foi essa minoria branca que nos violentou, matou e continua matando.

Aceitar que somos parte necessária da construção histórica brasileira vem sendo desafiador, e a reafirmação das mulheres negras ainda é um incômodo para muitos, em diversos espaços e instituições. Viver ouvindo que a sua “utilidade” teria mais validade arrumando uma casa ou cozinhando ao invés de “inventar” de estudar, demonstra apenas que o medo e a raiva de estarmos nos apropriando de nossos direitos e de nossos espaços que foram conquistados lhes assusta. Porém, com maquiagens e películas para a nossa filtragem, dia após dia, e a universidade é justamente esse mundo que aqui subscrevo.

Uma jovem do interior do Maranhão, afastada de todas as suas raízes biológicas na promessa de estudar, surge ainda em 1996 quando aos 4 anos foi trazida para o Tocantins na garantia de que os estudos transformassem a realidade dela e de sua família. Esta jovem sou eu, e então criada em uma família branca, católica e tendo como figura de liderança uma mulher cujo regia as normas da casa e do comércio, e à quem devo toda minha sede por me tornar uma mulher que se auto reconhece como tal.

A minha educação básica e média perpassou-se numa escola religiosa com maioria de crianças brancas classe média alta, e apesar da convivência, tomamos rumos e direções diferentes; afinal, sou de uma família classe média alta, mas ocupo o lugar de “filha de criação”, termo que cresci ouvindo justamente para que eu não misturasse os papéis e muito menos cobrasse algo fora do meu lugar real. Quando tentei ingressar numa universidade particular para a realização de um sonho que não era meu, cursei apenas alguns meses onde dentro daquele curto espaço de tempo ficou nítido que aquilo não era para mim.

Não me encaixei na tentativa de realização dentro de um curso majoritariamente composto por uma elite branca numa cidade totalmente regida por princípios conservadores, onde não havia espaço para uma menina sem recursos financeiros e sem apoio familiar, vetando toda e qualquer possibilidade de chegar quiçá na metade da graduação.

Anos depois ingressei no curso de Serviço Social, na Universidade Federal do Tocantins, para realizar um sonho meu de graduar em uma profissão honrosa, e de luta como a história que vivi e que continuarei a viver. Sendo, a vivência de uma jovem negra na universidade, mesmo em tempos onde algumas políticas públicas de cotas foram alcançadas.



Não foi uma caminhada saudável e facilitada, não se deve esquecer que o hoje codinome “meu lugar”, foi marcado por lutas e uma sequência de passos antes dos meus. Recordado como se houvesse sido fruto de roubo de espaço, é assim que nosso cotidiano é vivenciado e estimulado, nos tornamos competitivos e tentamos sempre mostrar que somos capazes sim, e que esse lugar é nosso.

Há uma subestimação dos nossos saberes, submetidos a avaliações e fiscalizações, onde aos poucos vamos tendo total certeza que a persistência e resistência é o que nos resta, tornando-se duas principais ferramentas neste trajeto. Perdemos muitos por não conseguirem lidar com isto, e é por todos aqueles que saíram sem concluir com êxito sua jornada acadêmica que resolvi persistir, ficar, lutar e findar essa trajetória apesar de todos os pesares vivenciados. Tive momentos de reconhecimento enquanto mulher negra, mas esse reconhecimento só permaneceu até o momento em que cheguei a lugares determinados para pessoas fora da configuração que pertencço.

Não reconhecer que a sociedade é sexista, racista e misógina, é continuar a reproduzir que somos mistos, que somos todos iguais e que o racismo é coisa do passado, por isto digo que escrever este ensaio foi mais fortalecedor ainda, e que apesar de poucas referências encontradas e o pouco tempo fornecido para a sua elaboração, é nele que desabafo para uma realidade advinda de quem iniciou o que hoje venho lutando para seguir. Luta e resistência que decidi continuar, bem como, pesquisar como parte fundamental para uma juventude de mulheres negras que precisam se sentir visíveis; existimos e resistimos todos os dias, e para isto precisamos registrar e consolidar nossos passos!

Não poderia deixar de escrever o feminismo me foi apresentado durante o meu segundo ano de graduação, um feminismo que acreditei e regi, mas que com pouquíssimo tempo parei para refletir sobre algo que ali faltava, e esta falta se evidencia quando passei a me procurar e questionar onde eu me encaixava naquelas rodas de conversa, onde eu poderia entender sobre identidade e pertencimento, e como seria seus atravessamentos para a minha consolidação enquanto mulher negra. O que era ancestralidade e o que eu tinha haver com ela?

Foram perguntas que somente através de um convite feito pela Professora Doutora Maria Aparecida de Matos (atualmente docente no campus universitário da cidade de Arraias), e que me proporcionou o autoconhecimento, a autonomia e o reconhecimento de minhas raízes ancestrais, que a partir daí comecei a traçar caminhos cada vez mais próximos do alcance de respostas para aquilo que me afligia, e estar dentro, juntas no Movimento de Mulheres Negras, fez o meu respirar tornar-se aliviado e feliz ao estar tão próxima do que

viria a ser minha mais nova paixão, deixando os estudos em saúde mental para outro momento.

Ouvir mulheres diversas as quais foram-me apresentadas foi riquíssimo, um verdadeiro divisor de águas para as minhas curiosidades. Já quase no limite de tempo para a escrita de um trabalho acadêmico, sentei-me por horas em busca de escritos e documentos que me dissessem algo sobre as minhas gerações e memórias, que explicitassem também as apreciações de mulheres para além da sexualização que eu vivia a ouvir sobre nossos corpos. Nossa história não é só um resgate, ela se equivale a uma continuação do que fomos e que em uma outra fase de reorganização social do capitalismo, nos colocam em pequenos espaços para nos aliviar das dores já vividas.

Para isto, a necessidade de mostrar como se deu, por quanto tempo, e como se encontra, se faz necessária para mostrar que resistimos, mas que para existir é imprescindível que haja justiça e igualitariedade. Quando presenciei mais de 50 mil mulheres, na Marcha das Mulheres Negras, em Brasília-DF (Distrito Federal), no ano de 2015, foi como uma esperança gritando e ecoando pelas ruas, com a nossa reafirmação pelo bem viver. Por um lado, o sentimento de estar junto com outras mulheres negras de tantos lugares e que estavam seguras de saírem às ruas em busca dos seus direitos e, do outro, a dúvida de uma jovem que tão pouco sabia da vida e que pouco encontrava respostas para tantas frases que ali estavam escritas em cartazes e faixas.

No decorrer da caminhada conheci uma senhora cadeirante que advinha de um quilombo, e ao vê-la pedi a sua bênção, suas lágrimas caíram de emoção ao me olhar e me tocar o rosto, depois da bênção recebida a senhora me disse a seguinte frase: “Minha filha, eu sonhava em ver isso de novo, em nos ver todas juntas lutando por nós e agora eu cumpro minha missão, já posso partir em paz”. Emocionada, prometi que prosseguiria, já motivada pelo o abraço que recebi, entreguei-lhe um copo de água e segui encantada, ao passo em que continuava olhando para trás.

Encantada e paralisada com a presença e vontade que fitei naqueles olhos dela. Acabei voltando e pedindo uma foto de registro, guardei aquele olhar, aquela paixão, e suas rugas que muito expressavam. Por mais barulho que houvesse naquele momento, seu olhar dizia mais que a própria voz. Continuei a realizar encontros e conhecer espaços de organizações de mulheres negras, aprendi muito e me fortaleci ainda mais. Comecei a conhecer articulações de jovens negras feministas e também espaços geracionais mistos que era mais lindo e edificante.

Parei para ouvir cada mulher de olhar expressivo e cheio de história, identifiquei

em todos eles algumas semelhanças com a luta de uma mulher negra que conheço bem, qual me deu a vida e renúncias: Minha mãe biológica, que após ter tido uma gestação difícil, numa trajetória de relações de maus tratos pelo ex-companheiro, ainda assim tentou relutar para ter forças de cuidar da caçula que estava em seus braços, me doando o seu amor e afeto por quatro anos de minha vida antes que eu viesse para o Tocantins.

Foram os espaços que os movimentos sociais me proporcionaram, onde eu pude ter o conhecimento e saber realmente o que significa a vivência sofrida de minha mãe. Foi aí que vi seus sofrimentos: Nas falas de tantas outras mulheres negras. Apenas nelas consegui enxergar e entender todas as mazelas contextualizadas que havia por detrás de uma relação abusiva, da qual fui fruto e como eu poderia ajudar estando em outro lugar e momento.

Hoje, ainda com as marcas emocionais e adoecida por (re)lutar contra um sistema explorador, opressor e racista é que posso e consigo (mesmo que não seja em todos os lugares) me proteger de coisas que antes eram apenas engolidas e guardadas. No presente entendo as caras e bocas quando me viam numa mesa que para muitos era vista como “importante”, um espaço ainda encarado como sendo para outra pessoa, mas hoje me questiono do porquê de não relutar antes. São mazelas que nos corrompem, e que nos silenciam “porque todo negro é arrogante e petulante”.

Durante alguns períodos já morri de medo de ser vista como tal e posso reafirmar que sou isso mesmo, e que minha arrogância nasceu fruto de uma revolta e de dores que eu achava não poder falar sobre, onde por muito ficaram guardadas, mas que no momento certo saíram tomaram forma de maneira livre. Quando assumi a presidência de uma entidade máxima estudantil, pude ver o racismo ainda mais estampado nos olhos de uma grande parcela que por diversas vezes usavam expressões dolorosas de serem ouvidas, e desencadeei uma depressão nesse processo ao ser pressionada de uma maneira tal que nunca imaginei.

Foi difícil ter força suficiente para segurar tanta dor por me olhar no espelho e não saber o porquê de tanto ódio e raiva direcionados à minha pessoa, e quando cheguei em um bloco universitário e ouvi em alto e bom som a seguinte frase, que não merece aspas, porém, aqui relato... “A Bianca não passa de uma negrinha, quem ela pensa que é, como pode deixarem uma negrinha dessas estar ali”; não consegui continuar o meu destino aquele dia e fiz de conta que não havia escutado. Sim, eu recuei.

Refiz meus passos para trás e me tranquei no quarto, um dia inteiro chorando por não ter feito nada, por não ter falado algo, e infelizmente passei a acreditar que não era capaz, que realmente não devia estar ali e os dias foram passando enquanto aquela angústia arrasava meu peito. Lembrava a todo o momento de minha mãe, que sempre ouviu essas coisas, e

lembrei que eu tinha uma promessa a ser cumprida, me formar e dar orgulho a ela.

Tento todos os dias entrar na universidade sem correr de volta para o meu quarto escuro do qual muito me ouve falar, mas sei que estas dores serviram para que minhas forças pudessem ser resgatadas e que ao me olhar no espelho eu pudesse enxergar uma mulher com potencial, com força; e que as horas de choro sejam de reflexão para que eu não desista. Meus próximos passos foram o de ocupar espaços e esquecer as frases e palavras que ocuparam meus pensamentos por tempo demais, porquê são muitas pessoas, adolescentes, e jovens que me esperam para ouvir algo fortalecedor e isso não tem preço, não tem nada mais gratificante do que poder falar!

Usei todos os artifícios que pude para falar o que sabia sobre meu povo, por meses gritei e este grito ecoou pelas redes sociais aquilo que eu sentia enquanto mulher negra e o que a sociedade me causava por trás de suas falas mesquinhas de inclusão, e principalmente a compreensão de que não somos todas únicas, onde temos uma singularidade silenciada, mas que precisa ser vista ainda que nos silenciem, pois, é necessário consolidar a construção de um feminismo que muito lutou contra o patriarcado, que hoje se desdobra e faz o seu próprio recorte.

As leituras a mim foram apresentadas sobre mulheres negras não foi algo que me contemplou a nível de entendimento, de compreensão, e depois de muito observar as dificuldades é notório que somos poucas dentro do mundo acadêmico. Ainda somos poucas no campo do saber teórico visibilizado, e as portas que possibilitariam as nossas publicações atravessam mares muito maiores do que se possa imaginar. Nossa existência vem de um legado sempre escondido, onde “negro sabido demais era perigo” e digo, ainda é, pois se enfrentamos e chegamos em um espaço na linha de frente, lhes digo que isto foi muito ousado, sendo ainda inadmissível para a parcela nada imparcial que reside no mundo acadêmico.

Ao ver mulheres negras doutoras na universidade a qual me refiro, sinto orgulho, que logo após é atravessado por uma análise mais profunda de como e o que precisaram passar para estarem ali, e mesmo com a tal titulação o seu reconhecimento é mínimo e invisibilizado, onde aproximadamente em quase 70% da minha graduação conheci um único professor negro no campus em que eu estudo, e depois de conhecê-lo pude ter a oportunidade de me matricular em sua disciplina titulada “Educação afro-brasileira”, e foi a melhor experiência, pois apesar de não ser uma disciplina obrigatória, é fundamental para sabermos que lugar estamos compondo; quem foram os autores?

O professor Dr. Francisco Gonsalves Filho, não só ministrou aula, também deu

vida ao movimento negro no campus em pouco tempo a partir de suas aulas, e foi incrível os olhares assustados da comunidade ao ver sons, trabalhos, cartazes e oficinas especificamente para falarmos do negro e suas organizações. Neste período pude vivenciar várias experiências nas quais iniciei algumas leituras mais voltadas para o feminismo negro, qual fui me encontrando em cada linha, onde algumas autoras foram se tornando minhas paixões e até hoje são muitas, várias, que me encantam ao falar de um feminismo desconhecido e que traz medo a quem não o conhece.

O fato é que se faz preciso assumir que além do feminismo convencional, existe mais peculiaridades a serem estudadas e conhecidas, principalmente porquê juntamos nossas especificidades enquanto pautas e nos separamos do feminismo convencional. Somos mulheres negras, e devemos trabalhar para que o protagonismo dentro do nosso espaço de fala não seja atravessado por um único outro pensamento que não nos represente, portanto, há pertinência na necessidade de mostrar quem somos para que a nossa reafirmação seja reconhecida e visibilizada.

Durante esta trajetória enquanto uma ativista ainda jovem, tivemos perdas dolorosas para o feminismo negro, e a perda de uma mulher negra da periferia nos chocou, fazendo nossas lágrimas caírem em diversos lugares no mundo. Marielle Franco, assassinada no dia 14 de março de 2017, no Rio de Janeiro, uma mulher negra defensora dos direitos humanos que lutava por pautas importantes para o seu povo foi morta. Marielle era negra, periférica, lésbica e ativista nos movimentos de mulheres negras, perdê-la foi um símbolo de um recado dado em um período tão sombrio da história política deste país.

Defensora de causas significativas em meio ao caos em que o Rio de Janeiro se encontrava, e ainda assim não recuou em sua luta. Perdemos Marielle, e depois desta perda nos multiplicamos pelo mundo em busca de justiça. Ainda não sabemos quem matou Marielle Franco, não sabemos o porquê desta tragédia absurda que nos corrói todos os dias dentro do movimento negro, e gritamos a pedido de que a justiça do país faça o seu trabalho e nos mostre o que simbolicamente infelizmente já sabemos; tentaram incriminar Marielle, associá-la ao tráfico para pôr uma cortina de fumaça e desviar de foco quem foram realmente seus assassinos.

Tratou-se de um feminicídio político ao passo em que sabemos que nós negros somos criminalizados o tempo todo, para nossas mortes sempre haverá uma justificativa e podem até tentar, mas continuaremos a gritar: “Marielle vive em cada mulher negra deste país que luta e que sabe em quê suas raízes foram amordaçadas”. Viramos milhões de Marielles pelo mundo em busca de um objetivo, tivemos muitas mulheres negras candidatas em vários

estados do país e isso é o resultado de uma luta que só está começando.

Seremos muito mais mulheres em espaços de poder, continuaremos a brotar em rodas de conversas e estamos na caminhada para florescer a juventude negra no sentido de permanecer e continuarmos ativas, fortes e consolidadas. Temos uma tarefa muito difícil para seguir: Enfrentar uma conjuntura caminhando visivelmente para uma estrutura em que o ódio está proliferado por todos os lados, todos os dias assistindo à morte de milhares de mulheres negras, jovens e o povo negro sendo perseguido, as universidades ameaçadas pela possível perda das cotas e tudo isso para mais uma vez tentar nos limpar e jogar às margens de onde acreditam que não deveríamos ter saído.

Neste período difícil para nós do movimento negro (que vem se fortalecendo e continuando uma luta por nossos direitos independente do momento), a satisfação de poder participar de espaços dos quais partilhamos o conhecimento sobre o feminismo negro é muito gratificante, e poder estar nessa caminhada de aprendizado constante nos faz perceber o quanto temos muito a adquirir. Nestes ensaios de ensaios, qual nos referimos durante todo este trabalho de conclusão de curso, pude ter não só a certeza dos próximos passos a seguir, como também o orgulho das raízes que me seguraram para chegar até aqui.

Espero que este trabalho possa despertar algumas curiosidades, e principalmente entendimentos do que o feminismo negro representa e quais foram suas contribuições em determinados períodos da história e porquê temos poucos escritos na literatura brasileira que nos ajude a mostrar o real valor do movimento negro na sociedade brasileira.

O feminismo negro não se resume apenas em conhecer a história de luta das mulheres negras, mas também de retirar os estereótipos de mulheres que contribuíram e ainda unem forças para uma resistência à sua existência enquanto sujeitas de direitos onde o sistema capitalista-patriarcal insiste em apagar, somos responsáveis por conquistas para além de termos só voz ativa e queremos caminhar para alcançar espaços na política sem sermos uma pequena minoria, e que as perseguições às mulheres como nós sejam abolidas porque estaremos unidas para tomar os direitos que ainda nos são negados.

Nossos passos vêm de longe e por isto permito-me dizer que cada vez mais é necessário trabalharmos no sentido de conhecer nossos ancestrais, nossas raízes e protegê-las para que não sumam das escolas, das comunidades, das universidades, e que o povo negro tenha acesso à registros ainda desconhecidos por muitos. Pois, nos tempos atuais a disputa é também e, sobretudo, por memória!

## 2 ENEGRECER O FEMINISMO E SEU SIGNIFICADO

Nós devemos erguer-nos enquanto subimos. [...] Quando nós, enquanto mulheres afro-americanas, enquanto mulheres de minorias étnicas, continuamos a subir em direção ao empoderamento, erguemos conosco nossos irmãos de minorias étnicas, nossas irmãs e irmãos da classe trabalhadora branca e, efetivamente, todas as mulheres que sofrem os efeitos da opressão sexista. (DAVIS, S/A, S/P).

*A vanguarda feminista é branca.* Desde as primeiras lutas feministas pela conquista do sufrágio universal até às pautas por direito à instrução das mulheres, aparecem na história, majoritariamente protagonizadas pelas mulheres brancas, sobretudo, no final do século XIX e início do XX. Contudo, é fundamental destacar que no interior dos movimentos de mulheres e feministas sempre houve divisões e hierarquias, como já alertava Clara Zetkin “o gênero nos une e a classe nos divide”.

Ângela Davis (2017, p. 137), identifica nas contribuições de Clara Zetkin que a principal diferença entre as pautas das mulheres trabalhadoras pela igualdade e a luta de suas irmãs da burguesia é que essas últimas se colocavam contra os homens de sua classe, já as primeiras precisam se unir a seus companheiros, filhos e irmãos para travar uma luta contra a classe capitalista:

Além disso, o que as mulheres da burguesia percebiam como objetivo máximo as mulheres proletárias interpretavam como armas no esforço para participar da luta de classes em condição de igualdade com os homens. Zetkin sistematizou essa ideia em sua análise da relação entre a campanha pelo sufrágio feminino e a luta das mulheres da classe trabalhadora. Tal interpretação é significativa não apenas por seu importante valor histórico, mas também pelas lições que traz a respeito da natureza de classe de algumas lutas contemporâneas femininas. (DAVIS, 2017, p. 137).

Em relação à mulher negra é necessário afirmar que sempre esteve presente na história, mas sua existência, memórias e protagonismos se mantiveram ainda mais na invisibilidade. Quando se fala da mulher negra e poder, pode-se afirmar que se trata de um tema de muitas e expressivas ausências. No interior do movimento feminista há também muitas divisões, marcadas pelas diferenças, sobretudo, de classe e raça/etnia, conforme Ângela Davis:

Por décadas, as ativistas brancas têm reclamado de que as mulheres das minorias étnicas frequentemente não atendem aos seus apelos. “Nós as convidamos para as nossas reuniões, mas elas não vieram”. “Nós as chamamos para nossa manifestação, mas elas não apareceram. “Elas simplesmente não parecem interessadas nos estudos sobre mulheres. (DAVIS, 2017, p. 18).

Segundo Ângela Davis (2017, p.18), estamos nos aproximando da crista de uma terceira onda<sup>1</sup> do movimento feminista e pergunta: “Será que, quando historiadoras feministas do século XXI tentarem resumir a terceira onda, vão ignorar as grandiosas contribuições das mulheres feministas afro-americanas?”. As contribuições do feminismo negro levaram invariavelmente a uma elevação das pautas das mulheres brancas, mas as políticas excludentes do movimento de mulheres dominante têm levado às mulheres afro-americanas a lutar por igualdade fora de suas fileiras, o que implicaria também na omissão sistemática das lideranças destas mulheres.

Neste rol de questionamentos e omissões que elaboramos uma reflexão teórica neste trabalho; para Ângela Davis (2017), o feminismo deve ter uma dimensão de classe e raça já que as mulheres brancas facilmente poderiam alcançar seus objetivos sem assegurar progresso algum às suas irmãs oprimidas da classe trabalhadora. Assim, é fundamental que setores do movimento feminista reflitam as aspirações das suas afiliadas brancas de classe média e contestem seus equívocos.

Tem sido demasiado comum – tanto ao longo da história quanto na atualidade – que as líderes brancas do movimento de mulheres julguem que quando nós mulheres negras elevamos nossa voz para falar sobre a tripla opressão que sofremos, nossa mensagem tem uma relevância, quando muito marginal para suas experiências. Elas presumiram erroneamente que as causas das mulheres podem ser articuladas de modo isolado das questões associadas aos movimentos negro e trabalhador. (DAVIS, 2017, p. 26).

Na experiência brasileira é possível afirmar que o movimento feminista da terceira onda foi delineado pelas lutas populares e pela democratização do país. Segundo Sueli Carneiro (2003, p. 118), estes são um dos orgulhos do movimento feminista brasileiro, que é o de sempre estar imbricado com o protagonismo das lutas pela anistia, por creches, contra a carestia, pela descriminalização do aborto que penaliza as mulheres pobres e determinam em grande parte os altos índices de mortalidade materna no país.

O feminismo brasileiro e latino-americano, adquiriu uma particularidade muito interessante que é a preocupação com as mulheres pobres e, portanto, destinatárias das ações de formação política e das políticas sociais reivindicadas. Como resultado dessa característica, a militância feminista dos anos de 1980 se via num duplo desafio: o de desvelar as relações de poder entre homens e mulheres e, ao mesmo tempo articular com a questão de classe. Como destaca Schmidt:

---

<sup>1</sup> A primeira onda pode ser caracterizada a partir dos anos 1840, a segunda ocorreu nos anos 1960 e a terceira nos anos 1980.



Domésticas, donas de casa, negras, brancas, mestiças, cholas, indígenas, mães, guerrilheiras, margaridas, evitas, beneditas, a história do feminismo, por aqui, muitas vezes na contramão da pós-modernidade, se escreveu em sofridas lutas, onde a classe e a raça se articulavam ao gênero, colocadas suas insurgências todas na ordem do dia, antes mesmo de tal articulação imperar nas agendas dos feminismos metropolitanos. (SCHMIDT, 1999, p. 20-21).

Apesar dessa característica do feminismo brasileiro, o lugar em que me situo insiste em problematizar algo não tão resolvido no interior do próprio movimento feminista que é a necessidade de compreender o triplo fenômeno do racismo, do sexismo e de classe. É inegável que o movimento feminista brasileiro atuou fortemente no processo de revisão constituinte, culminando em uma série de conquistas no plano legal.

Conforme Sueli Carneiro (2003, p. 117) “O fato que ilustra a potência deste movimento foram os encaminhamentos da Constituição de 1988, que contemplou cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o *status* jurídico das mulheres no Brasil”.

A temática da mulher negra no Brasil invoca muitas inquietudes, ausências e silêncios, talvez por que o feminismo esteve aprisionado à “visão eurocêntrica e universalizante das mulheres” (Carneiro, 2003), “ou ainda que fica (e ficará) sempre um resto que nos desafia a compreender” (Gonzales, 1984), uma espécie de incômodo.

O primeiro significado é sobre a **negação do papel da mulher negra na formação da cultura nacional**, e é interessante que quando nos referimos às mulheres negras, parece que o que predomina é o singular “a mulher negra”, uma tentativa de resgatar do singular “eu” que se perdeu na história, do não dito, da não memória, do esquecimento.

Joselina da Silva (2014), nos lembra que há muito a ser averiguado numa seara quase virgem de análises e diagnósticos. Logo, se faz necessário expressar a ausência de estudos que permitam dimensionar a extensão do legado das afro-brasileiras ao longo da constituição do Estado-Nação brasileiro (SILVA, 2014, p.37). A mulher negra tem muito a dizer sobre seu verdadeiro ser social, expressar que sua cultura existiu e ainda existe, e que suas interseccionalidades vivenciadas devem ser faladas, para se reconhecer como protagonista da sua própria história.

Como nós (mulheres negras) chegamos até aqui? Responder a isto não é tarefa fácil. Implica em vasculhar a história à contrapelo, os vestígios, catando as migalhas registradas na formação da cultura nacional. Nossa hipótese é a de que nestas paragens o capitalismo dependente de uma superexploração não só explora a mão de obra, mas também explora corpos e almas de mulheres sistematicamente tratadas como coisas e objetos sexuais de seus senhores, pois como já dizia Marx, em outras palavras: Qualquer tentativa de

explicação sobre o processo de acumulação primitiva não pode ser idílica, ou seja, romanceada.

Ao abordar a formação sócio histórica brasileira, Heleith Saffiotti (2013), nos traz uma inestimável sensação de visibilidade da mulher negra no período escravocrata, destoando das interpretações masculinas vigentes até então. Basta dar uma lida em sua obra clássica: “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade”, que vamos encontrar a função da escrava no sistema produtivo colonial. No entanto, Heleith Saffiotti não é sequer lembrada como uma teórica importante do pensamento social brasileiro.

Em uma perspectiva marxista, Saffiotti (2013, p. 230), situa as relações de sexos e a posição da mulher na família e na sociedade a partir de um sistema de dominação mais amplo. A sociedade escravocrata brasileira pela forma como se organizou e distribuiu o poder, configurou-se ao longo do tempo como um complexo social que se justificou em nome da tradição. Sendo possível encontrar a luz desta tradição em explicações, ainda hoje, dos mitos e preconceitos através dos quais a sociedade atual tenta justificar a posição e o papel social da mulher negra.

Com o olhar feminista sobre a formação social e econômica do capitalismo dependente brasileiro, Saffiotti (2013), caracteriza a constituição de nossa economia colonial como uma espécie de “patrimonialismo mais próximo do tipo patriarcal em detrimento de um patrimonialismo estamental”, isto porque Saffiotti afirma:

O sistema de castas não apresentou, no Brasil, um fundamento apenas econômico, mas também pecuniário, o que tornava negociável a liberdade. Portanto, mesmo que só do ponto de vista do *status* formal, a sociedade de castas brasileira permitia, ao contrário da sociedade de castas típica, a ascensão social individual. Não obstante a rígida assimetria que caracterizava as relações senhor-escravo, o fundamento pecuniário da escravidão e a miscigenação constituíam-se em fatores de perturbação daquelas relações. [...] A inexistência de repugnância mútua entre as camadas constituintes da sociedade escravocrata configuraria uma especial estratificação em castas, em que a cor e, portanto, a raça desempenhariam meramente a função de símbolo da condição econômica dos indivíduos. No que tange aos papéis femininos, essa inconsistência cultural do sistema de castas no Brasil teve consequências de ordem diversas. (SAFFIOTTI, 2013, p. 234).

Estas inconsistências culturais na sociedade de castas e as relações de produção da sociedade escravocrata-senhorial apresentam-se como elementos decisivos da estruturação do papel das mulheres negras, do sexismo e do racismo. Segundo Saffiotti (2013, p. 235). “A condição de escravo significava para o negro ser um instrumento de trabalho sem direitos de nenhuma espécie; ser, enfim, socialmente, uma coisa. Todavia, o processo de coisificação do negro não foi total”.

É possível encontrar no interior do sistema de castas da sociedade escravocrata brasileira níveis de diferenciações entre os escravos. A dimensão afetiva e a convivência com escravos aparecem como inconsistências presentes na sociedade de castas que formou o Brasil escravocrata, por isto não podem ser considerados meros apêndices. Dentre estas inconsistências, destaca-se o papel a que estava sujeita e desempenhava a mulher negra.

Além da função no sistema produtivo de bens e serviços, cabia à escrava um papel sexual a ser desempenhado, que, simultaneamente, as tornavam *res* (coisa) e pessoa humana. Esse processo de coisificação amalgamava a dupla condição: de pessoa humana e de *coisa* (instrumento de trabalho). Todavia, a exploração da escrava se tornava consideravelmente mais elevada que a do escravo, por ser negra utilizada como trabalhadora, como mulher e como reprodutora de força de trabalho, se fazia também através de seu sexo (SAFFIOTTI, 2013, p. 237).

O senhor branco acabou por emprestar um sentido patriarcal à sociedade escravocrata, “concebendo a prestação de serviços sexuais por parte da negra como uma função regular da escrava” (SAFFIOTTI, 2013, p. 240). Onde este significado dado a escravidão acabou por converter a mulher negra em “instrumento inconsciente que, paulatinamente, minava a ordem estabelecida, quer na sua dimensão econômica, quer na sua dimensão familiar” (SAFFIOTTI, 2013, p. 238).

Isso ocorreu porque em determinados momentos, o senhor assumia posições antieconômicas determinadas pela postura sexual. Disputavam com outros negros no terreno do amor e partia-se para os castigos físicos e venda dos concorrentes. As relações sexuais entre senhores e escravas perturbavam a ordem social escravocrata ao estabelecer comportamentos incongruentes com aqueles esperados pelos senhores nas sociedades de casta. Segundo Lélia Gonzales (1984, p. 230), interpretando Saffiotti, “não apenas homens brancos e negros se tornavam concorrentes na disputa das negras, mas também mulheres brancas e negras disputavam a atenção do homem branco”.

De outro lado, o papel da mulher branca também se estabeleceu pela sujeição, desempenhando uma função diversa da escrava, pois às brancas cabiam as funções de esposa e mãe dos filhos legítimos. Apesar de raras, as aventuras amorosas de mulheres brancas com negros que gerassem filhos eram tratados como livres, pois o que definia a condição social da prole era o *status* jurídico da mãe. Assim, os filhos das escravas com senhores herdavam a posição de escravo.

Enquanto isto, à mulher branca era imposto um rigoroso comportamento, o que denota uma discriminação da mulher independente de sua posição econômica e social

(SAFFIOTTI, 2013, p.238). Cabia às mulheres brancas a total submissão ao poder patriarcal, pois além de sua ignorância associava-se também uma condição de imaturidade. Na época escravocrata casavam-se muito jovens, tinham filhos aos 13 ou 15 anos e eram educadas em um ambiente rígido, impresso pela cultura patriarcal e, assim, escapavam do domínio do pai para cair em domínio do marido. Não à toa que em geral eram mais conservadoras devido à falta de mobilidade, pois raramente iam às ruas.

Houve algumas exceções de mulheres que desafiaram o poder patriarcal da época, as chamadas “mães solteiras”, ou ainda mesmo em caso de mulheres brancas que assumiam os negócios do marido, mas esse desregramento não rompeu com o estado de coisas. Saffiotti (2013, p. 241), relata a severidade das punições em casos de suspeitas de aventuras amorosas ou de quem as acobertassem. Os assassinatos de mulheres eram justificados pela defesa da honra impressa na tradição.

Neste sentido, a rivalidade entre mulheres negras e brancas na sociedade escravocrata não se configurava como uma competição. Pois, apesar das posições diferentes desempenhadas por ambas o que era universal era a aceitação, por parte do elemento feminino, e da total supremacia do homem branco sobre a família e a sociedade em geral.

O papel sexual desempenhado pelas mulheres negras não satisfazia apenas o processo produtivo, mas, sobretudo, mantinha a organização familiar do branco sobre a qual cabia às brancas o papel de mãe e esposa, também as mantinham em sua “pureza” de terem o dever de preservar a virgindade para o casamento, já que havia uma classe de mulheres com as quais os jovens brancos pudessem praticar as aventuras amorosas antes do casamento.

Tanto as mulheres negras como as brancas ao terem um papel determinado pela sociedade escravocrata, encontravam-se em universos separados que impediam estas de se reconhecerem a si e à sua posição de submissão e subordinação nesta ordem, e ao que tudo indica a mulher branca teve maiores condições para romper, embora, parcialmente, com este estado de coisas. Historicamente mulheres negras e brancas partem de lugares distintos e, portanto, essa condição influencia na construção dos estereótipos relacionados ao corpo branco e ao corpo negro, o que é belo e desejável<sup>2</sup>. Esses lugares distintos de mulheres brancas e negras foram fundamentais para a dominação do homem branco. Segundo Sueli Carneiro:

---

<sup>2</sup>Esse trecho trazido pela fala da jornalista Juliana Gonçalves, uma das organizadoras da Marcha das Mulheres Negras à revista Aventuras da História, Edição 190/março de 2019 com o dossiê Feminismo no Brasil: a história, as conquistas, os desafios e as controvérsias.

Essa herança colonial e a persistência desses paradigmas no pós-abolição terão impactos negativos na construção de uma perspectiva unitária de luta das mulheres pela emancipação social, transformando o movimento feminista posterior em um campo de batalha, onde ressentimentos seculares decorrentes dos privilégios e opressões determinados por estes estereótipos defrontar-se-ão de forma às vezes dramática, até que as diferenças pudessem ser admitidas o suficiente para viabilizar um diálogo que só agora se inicia de forma mais solidária, desarmada e consequente. (CARNEIRO, 2002, p. 172).

Sendo assim, a abolição apresentou significados diversos tanto para a mulher negra quanto para a mulher branca. Em relação às mulheres negras, é possível imaginar que ela tenha ganhado com a deterioração da sociedade de castas ao menos a liberdade formal que lhe era negada. Mas, ela “ascende tanto quanto o ex-escravo. Situa-se abaixo deste, entretanto, do mesmo modo que a mulher branca em virtude de não atingir, pelo processo de emancipação das “raças negras”, a plenitude dos direitos da pessoa humana” (SAFFIOTTI, 2013, p. 238).

A abolição não extirpou as relações de exploração e opressão à que a população negra se encontrava, e é óbvio que persistiria a prostituição de mulheres negras e pobres, mas agora sob os aspectos mercantis desta relação. Nos primeiros processos da abolição identifica-se uma degradação moral da mulher negra, desmistificando a universalização do salariedade como fundamento econômico da prostituição, pois a recusa em pagar as mulheres negras se tornou uma constante pós-abolição, assim se configura até os dias atuais, pois “a pele mais barata do mercado é a pele negra”.

Houve, ainda, inúmeras situações em que negros e negras permaneceram trabalhando para os mesmos senhores prolongando esse convívio. Assim, pode-se afirmar segundo Sueli Carneiro que:

São suficientemente conhecidas as condições históricas que construíram a coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. E sabemos que em toda situação de conquista e dominação de um grupo humano sobre outro é a apropriação sexual das mulheres do grupo derrotado pelo vencedor que melhor expressa o alcance da derrota. E a humilhação definitiva imposta ao derrotado e momento emblemático de superioridade do vencedor. (CARNEIRO, 2002, p. 169).

Assim, cabe retomar nossa linha de raciocínio ou do como nós mulheres negras chegamos até aqui. A mulher negra brasileira carrega sua posição de classe e é marcada pelo racismo. Deixou de ser mucama para ser a doméstica de hoje. É indagada sobre os espaços que ocupa fora dos padrões que normalmente não são considerados para sua cor e curva. Segundo Lélia Gonzales :

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”). (GONZALES, 1984, p. 230).

Lélia Gonzales, em uma perspectiva da psicanálise baseada em Freud e Lacan, vai nos brindar com uma fecunda reflexão sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo na sociedade brasileira. Para a autora, “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”. A “articulação entre o racismo e o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (GONZALES, 1984, p. 224).

No presente, a posição da mulher negra na sociedade vem ao encontro de um modelo racista e sexista carregado de um processo de exploração e opressão de anos e anos atrás e embora a ausência da realidade vivida pela mulher negra junto às suas especificidades, a sociedade racista e sexista burguesa não só deixou ausente o significado da presença da “mulher negra” na formação da cultura nacional, como também a envolve em mitos.

Os momentos que vimos uma negra em sua exaltação é quando a sociedade as usa para comercializar seus corpos e isso é fortemente visto no período mais festivo do ano no país, o carnaval. Neste momento do país é que vem de forma intensa a exploração do corpo da mulher negra. Mostra-se para o mundo exterior (de preferência para o branco) que somos uma sociedade alegre, sem desigualdades sociais e, tampouco raciais.

Ainda assim, é neste período do ano que as mulheres negras assumem o comando tomando a avenida em plena Sapucaí, e é mostrada com seus corpos seminus, cheias de lantejoulas e um sapato bem alto, uma arquibancada filma de um lado e de outro e os *flashes* tomam conta correndo pelo mundo. Lélia Gozales, retrata de forma crua esse momento:

O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, desejada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. (GONZALES, 1984, p. 228).

Tem também a negra “mulata” na praia, que o gringo já associa aquele corpo que passa “na tela da tevê no meio desse povo” como sendo um corpo fácil, exposto e que pode

ser invadido sem pedir licença. Mas, cotidiano pós carnaval, a democracia racial não mostra. Depois dessa data o mito desaparece para aparecer a imagem da doméstica e cuidadora do lar e dos filhos da mulher branca. Neste momento, tudo desaparece num contexto devastador em que a mulher negra é sujeita a ir para um ato organizado pela burguesia, uniformizada empurrando o carrinho da madame.

Na sua dura realidade, ela precisa comer, sustentar a casa, subir o morro, enfrentar o assédio de cada dia nos transportes públicos e depois respirar fundo e torcer para que ao chegar em casa esteja tudo bem, com o temor de que seus filhos e companheiro não tenham sido pegos em uma abordagem policial ou ainda integrem os altos índices de morte de negros pelo Estado no país. Depois de tudo, para que ela inicie sua terceira ou quarta jornada.

A romantização do contexto de violência, vivido pelas mulheres negras, invadem o cotidiano de uma maneira muito velada: mulher negra na cozinha, na portaria, no banheiro e sempre nos lugares de livre acesso para as mãos masculinas brancas com seus olhares de posse e direito sobre seus corpos.

A mulher jovem, e negra, na tentativa de dar uma vida melhor para a sua família, ingressa na academia, mas o cotidiano e as heranças do racismo e da inferioridade a coloca, todos os dias no “seu lugar”. O racismo institucional é constante e forte, ele deixa marcas e nem todas conseguem finalizar o tão sonhado objetivo, diante de um cotidiano adoecedor que torna realmente um “mito” a democracia racial. Lélia Gonzales, denuncia o que ouvimos todos os dias:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALES, 1984, p. 226).

Baseado nesta reflexão, fica ainda mais evidente como é tratado o negro mesmo com denominações de igualdade. Se fazendo necessário refletir sobre o porquê vira manchete num jornal quando um preto se forma? Porque numa sociedade eivada pelo racismo e de tamanhas desigualdades, ter um negro dentro de uma formação social burguesa e capitalista é um feito incrível, mas permanecemos com números inferiores de negros e negras com formação acadêmica.

Não é à toa que na cultura acadêmica e na história oficial contada majoritariamente pelos homens brancos, pouco ou quase nada se tem escrito sobre os

movimentos, lutas e rebeldias nos quais a população negra fora protagonista. Ainda assim, não se pode negar os poucos negros intelectuais ocupantes destes espaços ditos “privilegiados” que são motivos de comemoração.

Será que muita coisa mudou? Como já cantava Cazusa, “depois dos navios negreiros, outras correntezas” e a sociedade brasileira segue com os mitos, sobretudo da democracia racial. Cabe então trazer um segundo significado do feminismo negro que é o de desmascarar o **mito da democracia racial no Brasil**. Nos referimos ao mito que há muito tempo é acionada com o lema de “todos somos iguais”.

Segundo Florestan Fernandes (2017, p. 33), na década de 1930, período de surgimento do protesto negro, torna-se nítido que a tentativa de usar o mito é como uma espécie de ocultar o peso da desumanidade que o negro sofreu, utilizando-o pra dizer que os negros conseguiram seu lugar na ordem natural das coisas. Mas que lugar é este? Na década de 1950, os números já desmascaravam a posição do negro na sociedade brasileira, sendo mais desigual as ocupações estabelecidas em relação à estratificação racial. Em termos de posição na pirâmide social e no acesso à educação, pouco ou nada se reservou para a população negra, configurando uma exclusão e marginalização sistemáticas, sobretudo, na luta pelas oportunidades dentro da ordem.

Os dados por si só já confirmavam e confirmam que o lema da democracia racial se trata de um mito, uma falácia. “Na lei, a ordem é uma; nos fatos, é outra; na consciência as variações não são registradas” (FERNANDES, 2017, p. 32). Neste último, adquiriu importância o protesto negro denunciando sua condição e exigindo uma segunda abolição, ainda que dentro da ordem. “O protesto se confinara à ordem estabelecida. Mas era autêntico e revolucionário, pois exigia a plena democratização da ordem republicana – através das raças e contra os preconceitos e privilégios raciais” (FERNANDES, 2017, p. 32).

Logo se viu que não se aceitaria o despertar do povo negro, um despertar que promovia uma verdadeira ruptura racial. A tentativa de despertar a consciência racial foi recebida como “racismo negro”, até mesmo por parte de movimentos e partidos de esquerda da época, pois “viam o ‘problema negro’ como uma questão exclusivamente de classe e, portanto, um ‘problema social’” (FERNANDES, 2017, p. 59).

O Estado Novo conseguiu realizar uma ruptura ou enfraquecimento do protesto, mas ainda assim não conseguiu tirar o despertar da visibilidade, a separação racial que ali existia e as determinações de raça e classe que imperavam. Naquele momento, as expressões mais significativas desse movimento são organizadas espontaneamente e em “conexão com a consciência social de um racismo que, sem ser institucional como fora nos Estados Unidos e



na África do Sul, provocava consequências igualmente devastadoras” (FERNANDES, 2017, p.56):

A questão de ser o racismo institucional ou camuflado possui menor importância do que ele representa na produção da desigualdade racial, da concentração racial da riqueza da cultura e do poder, da submissão do negro, como “raça”, à exploração econômica, à exclusão dos melhores empregos e dos melhores salários, das escolas, da competição social com os brancos da mesma classe social etc., e a redução da maioria da massa negra ao “trabalho sujo” e a condições de vida que confirmaram o estereótipo de que “o negro não serve mesmo para outra coisa”. (id. Ibid.).

As imposições da ditadura do Estado Novo fizeram com que o movimento negro adormecesse, mas ao findar a Segunda Guerra Mundial, a radicalização nos movimentos toma um grande impulso que denota novas lutas; agora com a cobrança pela democratização da sociedade e com o protagonismo ampliado da participação popular. Mas, o movimento negro esteve ainda em posição de quietude dentro de um novo sistema de ocupação social, não se motivava a reagir, alguns negros conseguem espaços empresariais importantes, o que enfraquece a tentativa de visualizar a conotação real na relação de classe e raça.

Isto porque de acordo com Florestan Fernandes (2017, p. 60), na ditadura do Estado Novo já estava imposto que “o novo negro” pretendia a igualdade social conquistada como um processo natural. Voltava para o seu próprio refinamento, para a consolidação da família, a educação dos filhos, o ideal de comprar uma casa própria, a disposição de poder excluir de suas relações “negros inferiores”, de visibilidade social negativa. Apesar dos choques e das frustrações vividas dentro das relações democráticas em que os dissociavam dos movimentos anteriores, os negros previam que também seria como parte das imposições do capitalismo monopolista.

A perversidade do mito da democracia racial não se resume apenas ao ocultamento da realidade, mas no que este ocultamento implica em relação aos efeitos concretos nas práticas dos indivíduos. Trata-se de desonerar os estratos dominantes de suas responsabilidades e obrigações e manter privilégios da raça branca em detrimento de grande parte da Nação. Neste sentido que o movimento negro dos anos 1980 acabou por classificar o mito da democracia racial como uma ideologia racista.

Guimarães (2006), entende a democracia racial para além do mito, enquanto um pacto de integração do negro à sociedade de classes no Brasil do pós-guerra, mas é evidente que esse pacto se demonstrava limitado em seus dois aspectos: por um lado, incluía somente os trabalhadores formais urbanos, deixando de fora camponeses e trabalhadores dos segmentos populares urbanos; por outro, foi um poder limitado ao não reconhecer as

formações étnico-raciais que pretendessem participar do processo e sistemas políticos (GUIMARÃES, 2006, p. 273).

O que o autor polemiza é o caráter atemporal do mito da democracia racial, sobretudo, a partir do processo de redemocratização. Segundo Guimarães (2006), esta nova conjuntura se processa de modo diverso em relação à ideologia nacional desenvolvimentista do pós-segunda guerra no Brasil. Pois,

[...] as ideias como a de direitos coletivos, a de que há grupos sociais e coletividades que devem ter garantida a igualdade de oportunidades, assim como a ideia de que tal igualdade deve se refletir em termos de resultados, são correntemente aceitas internacionalmente. (GUIMARÃES, 2006, p. 279).

O movimento negro produziu um consenso de que as desigualdades sociais estão arraigadas de tal forma a mecanismos invisibilizados, que funcionam como uma espécie de reprodução ampliada da discriminação racial. De forma crítica a esta noção, Guimarães (2006, p.283), polemiza que as democracias de hoje contém promessas de direitos civis, políticos e sociais para todos em detrimento do apelo das democracias raciais, e trata-se de outro mito, em outro patamar, no contexto de avanço do neoliberalismo.

Permanece ainda o cinismo “da aceitação dos negros nos espaços de poder”, como se fosse algo para aceitar, pedir permissão! Entretanto, mesmo com as políticas de cotas, constantemente questionadas, temos pouquíssima modificação da realidade; mulheres negras em sua grande maioria estão nas cozinhas e em outros trabalhos informais, homens negros sem alfabetização tendo os dois segmentos nos espaços de sempre, nos espaços inferiores. Com relação à mulher negra, é possível afirmar que:

A teoria de superioridade racial teve na sua subordinação feminina seu elemento complementar. A expressiva massa de população mestiça, nascida da relação subordinada de mulheres escravas negras e indígenas com seus senhores, tornou-se um dos pilares estruturantes da decantada “democracia racial” brasileira. (CARNEIRO, 2002, p. 169).

Sobre isto, cabe uma última questão: Como as mulheres negras brasileiras se inserem nos movimentos de mulheres e feministas? Como protagoniza Sueli Carneiro, “o papel da mulher negra sempre foi negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance”. Desta forma, as mulheres negras ingressaram tardiamente nos movimentos feministas devido aos obstáculos impostos para sua participação e emancipação, porém, o significado de suas pautas tem sido fundamental para o amadurecimento e

enriquecimento do próprio movimento, bem como, elevando as pautas das mulheres brancas. Segundo Sueli Carneiro:

O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. (CARNEIRO, 2002, p. 169).

Esta relação no interior do próprio movimento feminista nem sempre foi tão fácil; do outro lado a mulher branca com licença de apontar e de ressaltar que a luta das mulheres negras sempre fora uma luta separada das pautas do movimento feminista, porque o entendimento de ir para as ruas e ocupar espaços para quem num dado momento eram vistas como objeto dificilmente fluiria, não funcionaria enquanto a mulher branca fosse para as ruas e as mulheres negras as esperavam com o jantar. Além disso, a desconstrução de estereótipos de gênero pelo qual tanto as mulheres brancas lutam, não são os mesmos atribuídos às mulheres brancas. Assim, segundo Sueli Carneiro:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2011, p. 03).

As mulheres negras devem ser protagonistas de suas lutas, devem falar como realmente são tratadas ao buscar um emprego onde os quesitos são denominados de “boa aparência”, aparência esta que vai sendo atribuída ao modelo padrão social de uma mulher branca e a postura e boa aparência passa a ter cor, raça, gênero e classe social.

A sociedade brasileira não assume que além de silenciar a mulher negra e ao mesmo tempo considerar que com as migalhas de benefícios dado a elas é coisa demais, que temos muitos privilégios! Será que a sociedade branca, burguesa já se perguntou dentro de um contexto de totalidade porque que os direitos que as mulheres negras alcançaram ao longo de sua história toda, atrás do processo escravista e hoje em cima dos maiores índices de estupro, violações de todas as espécies, trabalhos ainda informais e poucos espaços de poder e, estes poucos espaços “conquistados por direito”, são considerados privilégios?

### 3 O FEMINISMO NEGRO E SUAS PAUTAS

Neste segundo momento, após escrever sobre a inserção das mulheres negras nos movimentos sociais e sua trajetória em uma abordagem histórica, ênfase sobre a existência do feminismo negro já consolidado entre dois momentos fundamentais que foram constituídos e fortalecidos na história das mulheres negras no Brasil, onde há muito tempo (de maneira simbólica) já eram mulheres organizadas, embora sua consolidação viesse mais a tardar.

Nos anos de 1970 e 1980, as mulheres negras iniciam sua organização nos movimentos sociais, primeiramente apenas em uma perspectiva de homogeneização junto aos movimentos feministas já existentes, mas que aos poucos vão percebendo as suas pautas mais específicas, conseqüentemente se formando grupos de mulheres negras com suas questões mais particulares.

Estes movimentos passam a existir em várias partes do país como: Rio de Janeiro (Aqualtune, Luzia Mahin, Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, Nzinga Coletivo de Mulheres Negras, Centro de Mulheres da favela e periferia); São Paulo (Coletivo de Mulheres Negras de SP, Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista); Bahia (Grupo de Mulheres do MNU, Grupo de Mulheres do Calabar); Maranhão (Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza).

Os grupos aqui citados vêm de uma mobilização continuada desde o ano de 1975, em que houve o Ano Internacional da Mulher, organizado pela ONU (Organização das Nações Unidas), que foi considerado um dos principais mobilizadores de organização nos grupos diversos de mulheres, e de acordo com a biografia escrita por Joselina da Silva, a mesma coloca a necessidade de escrever sobre esses momentos importantes de organização, sendo ela uma das organizadoras e idealizadoras do I Encontro de Mulheres Negras.

Joselina da Silva, de maneira detalhada nos mostra essa formação e consolidação em seu artigo: “I Encontro de Mulheres Negras: O pensamento das feministas negras em 1980, 2014”, no qual me inspiro para transcrever algumas reflexões e observar que foram muitas transformações e que cada uma teve seu papel em cada espaço organizativo.

Houve um momento que não pode deixar de ser citado, sendo este o período das exiladas vindo para o Brasil, em maior proporção advindas da Europa e EUA (Estados Unidos da América). Relembrar este período dentro de uma ótica reflexiva é fundamental, afinal, estas mulheres exiladas vinham de movimentos feministas diversos, contribuindo para que tivéssemos sucesso na organização e na pluralidade das especificidades dos grupos organizados brasileiros, sendo assim fixaram-se no Rio de Janeiro, e, logo após as mulheres

ativistas começaram a mobilizar encontros em várias regiões do país; neste processo, conseguiram criar vínculos e se fortalecerem em partidos políticos formando comitês femininos.

Em seguida, suas mobilizações só enriquecem com criações de conselhos específicos para mulheres. O primeiro: Conselho da condição Feminina, criado no Estado de São Paulo em 1983; até aqui os avanços nas pautas femininas fora de maneira muito intensa, conseguiram que finalmente as questões de gênero com enfoque nas especificidades femininas fossem inseridas em âmbito Estadual, como por exemplo, a criação das delegacias especializadas para mulheres, onde a primeira aconteceu na Capital Paulista, no ano de 1985.

Os grupos e coletivos de mulheres passam a ter encontros estaduais, com pautas que abordam os problemas e as questões femininas, sendo a sexualidade feminina uma delas, e também as questões como o aborto, contraceptivos, e a liberdade ao prazer iniciam como assuntos importantes junto de contribuições advindas do feminismo internacional, que entram em cheque com atribuições e debates que fortalecem o momento de maior visibilidade do movimento das mulheres no Brasil.

Apesar de ter sido de suma e grande importância estes grandes marcos nas discussões dentro do movimento de mulheres, ainda assim a questão racial e as interseccionalidades para uma discussão de raça e gênero não ocupava um espaço como temas importantes, e estavam de maneira muito ínfima nas agendas dos grupos mobilizados da época; o que nos faz acreditar que foi aí neste meio espaço de tempo que as mulheres negras decidiram se organizar e mobilizar suas próprias pautas, apesar de interpretações como sendo uma possível segregação, que em um dado momento vai tendo sua determinada importância.

Ainda em 1983, houve uma organização de um encontro de mulheres negras no Rio de Janeiro com participantes de outros Estados, o Centro de Mulheres Negras de Favela e Periferia lideraram o I Encontro de mulheres Negras e da periferia em 1983, resultando em reuniões e encontros em várias cidades do país. Enquanto os grupos já mobilizados do Rio de Janeiro se movimentaram para a realização o I Encontro Estadual de Mulheres Negras, do Estado do Rio de Janeiro, com uma identidade bem característica da época que foi o de garantir apenas a participação de Mulheres afrodescendentes.

Foram vetadas, neste encontro, quaisquer possibilidades de presença de mulheres brancas, homens negros ou brancos, e isto foi dado como ponto crucial para que naquele momento fosse criado um espaço apenas de mulheres negras que tinham pautas a serem visibilizadas, que para ter seu real protagonismo era necessário que nesse encontro suas falas se horizontalizassem de mulher negra para mulher negra.

Mesmo com as tensões dos líderes de outros movimentos e até dos movimentos negros da época, as mulheres negras estavam em busca unicamente de sua autonomia que neste processo seria um desafio, mas não impossível para enfim terem seus espaços de fala garantidos. Existem marcadores importantes que devem ser ressaltados, se tratando de uma trajetória revolucionária e que já dizia Pedrina de Deus, uma articuladora de liderança do movimento desde a década anterior, se posicionando sobre o que achou do evento em uma entrevista dada a um jornal chamado “Maioria Falante (1988)”, conforme registro de Joselina da Silva:

Confesso que fui ao Encontro de Mulheres Negras psicologicamente preparada para mais um desgaste. Discutir nossas questões de raça em público sempre nos reserva algum desgaste. Mas foi gratificante! Para se ter uma ideia da dimensão do que foi o evento, mais de 200 mulheres negras compareceram... aprendemos que as mulheres negras tem a essência de transformação em suas mãos. O modelo de desempenho que ocorreu no Encontro Estadual de Mulheres Negras, me aponta uma nova mulher negra, e infalivelmente um novo movimento negro. Elas ocuparam o espaço feminista, com rara tática revolucionária. (SILVA, 2014, p. 20).

Logo se vê que foi um marco para as mulheres negras participantes do encontro, foi um momento de um grande passo e de novas conquistas para o feminismo negro. Após, tiveram espaço e participação de algumas lideranças no II encontro Feminista da América Latina, tendo como legitimidade o surgimento de tantos outros grupos se auto organizando posteriormente. Em seguida, houve o IX Encontro de Mulheres Feministas no Brasil, em Pernambuco, e contou com a presença da comissão organizadora do I Encontro de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, dentre elas: Joselina da Silva, Regina Café, Sandra Belo, Antônia Inês e Joana Angélica.

O que mais chama atenção é que no primeiro dia de evento as mulheres da comissão ali presentes, sentiram falta de temas acerca da raça, e isto é uma indagação a ser feita tendo em vista que até os dias de hoje ainda temos movimentos e organizações feministas que desconhecem, ou não tratam como fundamentais a discursão de raça e gênero, o que nos coloca enquanto mulheres ativistas negras na defensiva de estarmos em determinados espaços que não nos visibiliza.

Sendo que, o que nos alegra em conhecer estes momentos emancipatórios das mulheres negras, onde mesmo em momentos que eram desafiadores elas ocuparam seu espaço e naquele evento seguiram com uma organização pautada em uma metodologia fantástica; organizaram então uma oficina durante o evento em um lugar estratégico para que fossem vistas, e a comissão organizadora do Rio De janeiro ao observar várias mulheres negras de

diversos lugares do país as convidaram para que assim tivessem seu espaço naquele momento.

Joselina da Silva, exprime em seu artigo como foi a experiência de ouvir aquelas diversas mulheres com tantas histórias de lugares geograficamente tão distintos, mas com relatos idênticos, e que não impedia de sentir a questão racial como o fator que mais as atravessavam. Ali sentiram-se a vontade para falarem de igual para igual, ainda naquele momento pensou-se nas primeiras ideias de iniciação para a realização do I Encontro Nacional de Mulheres Negras, com proposta para a sua realização no ano seguinte juntamente a tantas mulheres negras que passavam pelo reencontro, e outras pela primeira vez; via-se mais que os afagos e a empatia fortalecedora para o então sonhando Encontro Nacional.

O Encontro de Feministas em Pernambuco foi fundamental para que as vozes das mulheres negras ecoassem e se unissem cada vez mais, embora em dados momentos do encontro observava-se tensões de mulheres feministas com um pouco de choque aos ideais gerais daquele encontro. As mulheres negras insistiam que falar de feminismo sem visualizar o sexismo e o racismo, e não fazer um recorte sobre ele não fazia sentido, era como naturalizar as circunstâncias de opressões vividas pelas mulheres negras.

Assim já afirmava a autora Bell Hooks, e mesmo muito tempo depois, suas ideias continuam a se perpetuar até hoje, conforme já assinalava Bell Hooks, trazida por Joselina da Silva: “Racismo é farto nos escritos das feministas brancas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade de que mulheres se unirão politicamente através das fronteiras étnicas e raciais”.

Ao ver esta citação, muito nos faz pensar enquanto ativista jovem negra em um outro momento da história que ainda vivencio esta supremacia branca nos movimentos feministas, que apesar de diversos nos colocam a frente de um lugar totalmente invisibilizado e que a mestiçagem toma conta para não estarmos em espaços de protagonismo como parte fundante da construção histórica brasileira. Lélia Gonzales, ainda complementa com uma afirmação sobre sua análise do Movimento Feminista dos anos 1970 e 1980 no Brasil:

Enquanto isso, nossas experiências com o movimento de mulheres, caracterizavam-se como bastante contraditórias: Quando participávamos de seus encontros ou congressos muitas vezes éramos consideradas ‘agressivas’ ou ‘não feministas’ porque sempre insistíamos que o racismo e suas práticas devem ser levados em conta nas lutas feministas, exatamente porque como o sexismo, constituem formas estruturais de opressão e exploração em sociedades como a nossa. Quando por exemplo denunciávamos a opressão e a exploração das empregadas domésticas por suas patroas, causávamos grande mal-estar; afinal, dizíamos, a exploração do trabalho doméstico assalariado permitiu a “liberação” de muitas mulheres que se engajaram nas lutas ‘da mulher’. (GONZALES, 1988, p. 18).

Com tais afirmações só se exemplifica cada vez mais a importância e a necessidade da organização e da autonomia que o movimento de mulheres negras precisava fazer, são inúmeras as opressões vivenciadas pelas mulheres negras, quais não se pode desviar em um contexto histórico e cultural tão racista que as leva desde o processo colonial.

Seguimos então rumo ao processo de organização do I Encontro Nacional de Mulheres Negras que foi ganhando corpo em 1987, no Encontro Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, e lá retiraram comissões e integraram a participação de mulheres negras de diferentes espaços.

A tarefa de organizar um evento com essa magnitude não parecia simples, afinal, tiveram que enfrentar um contexto sob grandes tensões diferentes e que para além da inexperiência também não tinham subsídios financeiros, havia as questões políticas e culturais daquele momento, o que não foi um marco que representou recuo e sim a união para que a partir do Encontro Estadual formassem então os próximos encontros regionais para o fortalecimento do Encontro Nacional.

Ainda na primeira etapa que fizeram em janeiro de 1987, conseguiram reunir no Encontro Estadual cinco estados: Sergipe, Maranhão, Distrito Federal, São Paulo e Bahia; e a partir daqui, marcaram um próximo encontro deliberativo para março do mesmo ano, que já contava com onze estados: Acre, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Paraná, Espírito Santo, Goiás, Sergipe e Distrito Federal e Maranhão.

Após os encontros organizativos realizados em quase todas as regiões do país, as mulheres dentro destas comissões tinham o trabalho de dar visibilidade ao que ia acontecer dentro de poucos meses daquele mesmo ano, e em julho de 1988 os estados começaram a fazer eventos, concursos de artes para identidade visual do Encontro Nacional e as chamadas para outras companheiras negras se unirem aos espaços e participassem do evento, com a finalidade de conseguirem financiamentos e apoios. No último encontro organizativo já contavam com dezoito estados da federação em apoio para realizar o I Encontro Nacional de Mulheres Negras.

O passo seguinte foi para a estrutura destes espaços que então seria realizado o encontro, pois naquele momento o Rio de Janeiro foi escolhido através de votação, mas havia uma infraestrutura complicada de espaços a pouco tempo inaugurados, com restrições para abrigar tantas mulheres. Isto acarretou em alguns impasses de comunicação no próprio grupo, gerando uma certa preocupação, pois afinal, eram muitas e seria um momento revolucionário para o movimento feminista negro. Mesmo com o apoio de uma das associações de um sindicato que apoiava o encontro, a mesma durante determinados momentos criticava a



maneira de resistência que a comissão colocava sobre a área cedida, ainda sim conseguiram organizar e dar sentido a tantas mulheres negras que ali estavam presentes.

O feminismo negro foi o tema principal do IENMN, com pautas específicas que norteavam denúncias sobre as desigualdades sociais e raciais existentes na vida das mulheres brasileiras, que eram vivenciadas de diferentes formas, dando sentido à importância de se compreender o papel do conhecimento da interseccionalidade como ferramenta principal para conhecer a organização do mundo, das suas diferentes expressões vivenciadas socialmente e suas múltiplas identidades.

Para que obtivessem resultados sobre conhecer, entender e fortalecer as mulheres negras, foram então organizados vários cenários com diversas temáticas, oficinas e debates a fim de conhecer as especificidades de cada uma ali presente, e as mulheres que noutro momento não foram vistas pelo movimento feminista agora podem se encontrar e construir sua identidade.

Diante do que já vem acontecendo ao longo dos anos, mulheres negras, camponesas, domésticas, artesãs, artistas e todo o pluralismo que ali poderia existir formando então uma identidade de Feministas Negras e fazendo acontecer o segundo objetivo central do encontro que segundo Joselina da Silva (2002, p. 30) era o de “fazer emergir as diversas formas locais de luta e autodeterminação face as formas de discriminação existentes”.

O viés analítico para entender a persistência das mulheres negras se organizarem nesse período fica cada vez mais nítido que a necessidade de ser inserido a abordagem de um feminismo pautado na centralidade em frisar o racismo e o sexismo andam juntos na reprodução de discriminação e que tanto raça quanto gênero deveria ser pautas inseridas e vistas como importantes nos movimentos feministas de 1980, sendo assim nesse primeiro momento de organização conseguiram inserir como pautas fundamentais que além dos processos históricos atropelados pelo povo branco e que devia ser resgatado, mas os recortes para além das dinâmicas existentes nas classes sociais que explicitam as relações e correlações de forças/poder e, que portanto são possíveis de serem modificadas.

Após esse exposto conto do I Encontro Nacional de Mulheres Negras em 1988. É possível observar que o *boom* para a inserção das mulheres negras nos espaços sociopolíticos aumentou. Suas vozes ecoaram dentro do feminismo e dando lugar e importância a suas lutas e trajetórias que fora tão esquecidas ou ludibriadas para não serem lembradas. Entretanto, vale ressaltar que muito pouco se tem escrito sobre os processos das mulheres negras contada por elas mesmas, são poucos os achados que facilitam uma pesquisa documental que só nos faz refletir ainda a falta de mulheres negras na academia e, principalmente na literatura brasileira,

afinal muitos escritos pelo povo branco existente nos assusta, pois há uma reiterada tentativa de romantizar ou maquiar uma luta real e principalmente esconder a história dos principais protagonistas pela construção histórica do país, os negros e, portanto em subsequência de dar o real papel e lugar as mulheres negras que após esse passo fortemente dado em 1988 passam então a se fortalecerem e continuar suas mobilizações pelo país.

### **3.1 Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 anos e suas pautas**

“Contra o racismo, a violência e pelo bem viver das mulheres negras brasileiras.”

Após anos e anos de mobilizações e ocupação de espaços, as mulheres negras articulam-se cada uma em crescentes vertentes nos espaços políticos e sociais cada vez mais fortes e organizadas, tendo como ponto crucial de que entraram na agenda do Comitê de Mulheres Negras rumo a um planeta 50-50 em 2030. Este foi um passo decisivo pela igualdade de gênero, essa agenda que foi decidida ainda em 2015 em uma assembleia Geral das Nações Unidas, que deliberava 17 objetivos globais a serem traçados objetivando o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza e ainda mais 169 metas globais direcionadas às pessoas e ao mundo e dentre as metas as mulheres negras entraram para a atual mobilização entre suas forças.

Em 2015 as mulheres negras se organizaram no mês de setembro em Brasília para marcharem e com a força de mais de 50 mil mulheres nas ruas a Marcha das Mulheres Negras foi um caminho de suma importância e tiveram como tema principal “Mulheres Negras contra o racismo a violência e pelo bem viver”. Essa pauta as levou para uma caminhada de construção coletiva e fortalecidas por vários movimentos sociais do país e organizações internacionais, durante a Marcha foram ditos gritos de impacto e de clamor pelo fim do racismo, da violência contra as mulheres negras e pela importância das nossas vidas.

Logo em 2018 foi realizado na cidade de Salvador- BA o Fórum Social Mundial que é um evento organizado por movimentos sociais de diferentes continentes, neste mesmo encontro que havia várias planárias com diferentes temas tendo como parte das mesmas a discussão de raça e gênero, as mulheres negras seguiram em sua plenária debateram a importância de continuar a fortalecer as forças do movimento feminista negro e como formação desta pauta organizaram uma mesa com mulheres negras de várias idades e organizações diferentes entre elas secundaristas, jovens negras e as mais velhas da vanguarda que de maneira enriquecedora formaram importantes debates.

As mulheres negras mais velhas algumas que inclusive foram protagonistas no

Encontro Nacional de Mulheres Negras de 88 fizeram falas e relembrou algumas pautas que deveriam seguir e que hoje de maneira mais ampla e com tanta visibilidade de feminicídios e outras opressões vivenciadas pelas mulheres negras viram então a necessidade de se organizarem novamente, em uma fala da historiadora e participante e uma das protagonistas do I Encontro de Mulheres Negras de 1988 Wânia Sant'Anna recuperou o trabalho da comissão organizadora do I Encontro Nacional de Mulheres Negras, de 1988, da qual fez parte “ter incidência no movimento feminista branco não foi tarefa fácil. Nós, mulheres negras, éramos poucas, éramos companheiras, tínhamos divergências, mas chegávamos juntas. Foi por isso que tivemos um encontro nacional de mulheres negras. Teve compromisso. E vai ter unidade na luta conosco” (ONU, 2018)<sup>3</sup>.

Foi ainda na plenária que as colocaram como pauta o Encontro Nacional que escolheram e votaram para que houvesse o Encontro Nacional de Mulheres Negras em alusão aos trinta anos de organização e mobilização no Brasil, escolheram Goiânia-Go como sendo o lugar e o estado que sediaría o evento ao final do mesmo ano. Foi dada a largada para a organização do encontro e os estados ali presentes passaram a se organizar na tentativa de conseguir recursos e mobilização regional para que todas pudessem participar do evento que contava com uma comissão formada pela executiva nacional composta por mulheres de vários estados e de diferentes idades que vinham com a responsabilidade de passar os informes e de organizar os encontros preparatórios em seus respectivos estados onde estive na composição da comissão do Tocantins levando um quadro significativo para o encontro.

Os estados participantes que naquele período tiveram condições de reunir em encontros preparatórios foram cada vez mais participativos, tendo como principais estados: Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Distrito Federal, Acre, Tocantins, Amazonas, Paraná, Pernambuco, Maranhão, Espírito Santo, Pará, Piauí, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Paraíba, Minas Gerais, Mato Grosso entre outros que não só contribuíram para que os encontros locais ocorressem como também foram participantes no nacional. Todos os estados que dentro de suas condições fizeram suas reuniões e assembleias colocaram os temas e sugestões de quais pautas seriam debatidas e fortalecidas no Encontro Nacional e como encaminhamento desde o Fórum social e pela Executiva Nacional que seriam abordada inicialmente a conjuntura política que o país vem passando, o significado que para nós mulheres negras tem sobre o assassinato de Marielle Franco, vereadora morta em 14 de Março de 2018 no Rio de Janeiro, e a situação em que as mulheres negras se encontram dentro das

---

<sup>3</sup> Estas informações foram retiradas do site: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-negras-iniciam-organizacao-de-encontro-nacional-alusivo-aos-30-anos-de-articulacao-politica/>

desigualdades sociais com um foco na discussão sobre o racismo, a violência contra a mulher e como central o bem viver das mulheres negras.

Falar do bem viver é refletir e reforçar que nossas vidas importam, que somos sementes e que tivemos parte fundamental na construção histórica no país, fomentar que não só temos o direito de viver, mas viver com dignidade e com direitos que tentam nos tirar dia após dia. No dia 02 de dezembro de 2018 alguns estados já começam a viajar e se deslocar para Goiânia- GO, onde ocorreu dentre os dias 06 à 09 de dezembro do mesmo ano.

O Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 anos foi contemplado com a presença de mil mulheres negras de todo o país, e com atrações, oficinas, rodas de conversa, lançamento de livros e palestras de grandes representantes nacionais e internacionais do movimento feminista negro, dentre elas: Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Ângela Davis, Benedita da Silva, Cidinha da Silva, entre outras que construíram diversos espaços. As pautas que foram sendo construídas durante vários espaços do encontro nortearam justamente o que foi tratado e enviado pelos espaços, já que a agenda e mobilização foi construída no intuito de se observar as várias demandas existentes no cotidiano das mulheres negras do país, isso foi demonstrado em cada fala ali exposta desde as músicas até a cada convidada que esteve presente.

O Bem viver foi colocado como fundamental para que nós mulheres negras possamos nos observar e lutar pela vida, pela nossa existência fazendo assim um norteamto profundo em toda a trajetória que as mulheres negras da vanguarda traçaram nesses trinta anos e como nossos perfis mudaram, nos tornando cada vez mais diversas e com necessidades de visibilidade e protagonismo da nossa própria história. As mesas temáticas foram norteadas pelos seguintes eixos: “Avaliação 30 anos de trajetória de luta das mulheres negras: perspectivas e desafios”; “Fortalecimento da luta das mulheres negras: perspectivas e desafios à luz de conjunturas globais”; “Corpos e territórios sob ataques – reações e visões de enfrentamento ao racismo, à violência e pelo bem viver: jovens, LBT’s, quilombolas, religiões de matriz africana, encarceradas, mães e familiares de vítimas”.

Além de terem sido um encontro para lembrar a trajetória das mulheres negras brasileiras durante esses 30 anos, falamos também da importância e da responsabilidade que as negras jovens ativistas tem de traçarem daqui pra frente no sentido de que estamos em uma conjuntura e reorganização social diferente de trinta anos atrás, com isso o respeito pela nossa ancestralidade e a importância de ouvir as mais velhas, ouvir toda a trajetória que fizeram e mais ainda acreditar e sentir que nossos passos vem de longe nos coloca a frente de uma imensidão e de grande bagagem para a afirmação do protagonismo das mulheres negras,

bem como, nosso papel político na sociedade brasileira. Promover os direitos humanos das mulheres negras é parte central da agenda da Organização das Nações Unidas- ONU e com essa parceria através da ONU/BR especificamente da comissão ONU Mulheres, fundo Elas e pela Embaixada do Reino dos Países Baixos que ajudaram na realização e na construção dos passos para as deliberações do Encontro Nacional de Mulheres Negras.

Estar em um espaço com mulheres negras tão diversas nos faz crer na reafirmação do quanto o sexismo, raça e gênero estão presentes para que nossas opressões e interseccionalidades sejam atravessadas dia após dia mudando apenas as localidades geográficas, mas que todas as mulheres negras têm como histórico um relato de opressão por ser mulher, negra e pobre o que nos faz lembrar que para além de gênero ou raça também norteia a questão das classes, Ângela Davis, completa:

Proporcionalmente mais mulheres negras sempre trabalharam fora de casa do que as suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspeto da existência feminina. Parece assim, que o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras sob a escravatura começa com a apreciação do papel de trabalhadoras. (DAVIS, 2013, p. 10).

O que nos faz observar que ainda nos dias atuais, o papel das mulheres negras na visualização ao mundo do trabalho que para além de exploradas e em condições mínimas essa “apreciação” consiste apenas no viés que retira a mulher branca dos espaços precários e as substitui pelas mulheres negras.

A definição de um vasto e emocionante encontro salientou o protagonismo de mulheres que estão na margem ou que pelo menos são consideradas, mas que em um dado momento mostrou também a força de mulheres empoderadas e dispostas a continuarem o que a história do movimento feminista negro deixou de legado dos trinta anos de história das mulheres negras no país e definindo os passos de que as mulheres negras movem o Brasil de maneira organizada, unidas e fortalecidas para travar a luta dentro de uma conjuntura falida e fortalecida no eixo presidencial com discursos racistas, sexistas e que agora é um desafio mais uma vez na busca de nos assegurarmos e defendermos a garantia dos nossos direitos e de que não percamos os poucos que ainda nos resta e que foram conquistados há tantos anos atrás.

Os passos que foram construídos de tão longe nos mostram plenitude para continuar em busca de uma sociedade justa, sem desigualdades sociais de gênero e raciais já que se perpetua o discurso da democracia racial em tantos espaços e que dificulta muito a inserção de um diálogo contra o racismo como se ele não mais existisse. A mobilização para

que as gerações sigam com a luta e continuem fortalecendo o movimento de mulheres negras são fortemente citadas em diversos espaços durante o Encontro Nacional e sempre relembrando a história e os processos que nos levaram a chegar até aqui.

A juventude tem uma tarefa importante agora em uma conjuntura tão difícil que é a de levar para outros espaços a pauta principal que hoje se encontra na formação do movimento de mulheres negras, não deixando de nos reportar a ancestralidade religiosa que norteia a base histórica do movimento negro e o quanto vem sendo criminalizada por resistir aos espaços de uma sociedade conservadora, preconceituosa e cristã inserida na intolerância e na falta de respeito a um legado construído desde os primórdios da história do movimento negro.

O Candomblé como símbolo de resistência do povo negro e que teve um papel fundamental no processo da escravidão, pois deu a esperança e o resgate dos seus ancestrais possibilitando o resgate dos laços antes destruídos pelo branco e se reconstituindo já que a partir da vinda dos negros escravizados ao Brasil foram se perdendo. Bahia inicia oficialmente nas primeiras décadas do século XIX com a chegada dos negros nagô e embora a religião afrodescendente já existia em várias regiões, embora com pouca visibilidade e muita repressão, a importância de retratar a religião de matriz africana é também uma forma de estabelecer a permanência da cultura religiosa, momento lembrado quando as Yabás presentes no encontro se reuniram e fizeram um ritual de proteção e força para aquele momento.

O recorte sobre gênero e raça levou a um marco importante durante o encontro que foi a interseccionalidade vivenciada nas relações atuais no mundo das mulheres negras, uma corrente fortíssima de fala durante o encontro foi as mulheres LBT's nos fazendo refletir sobre o quanto sofrem para além do racismo e da cobrança social as incluindo nas esferas do racismo e da lbtphobia que vivenciam cotidianamente por suas orientações sexuais, mulheres lésbicas, bissexuais e trans tomaram seus lugares de fala e abordaram sobre suas dificuldades e falta de políticas públicas que as insiram como sujeitos de direitos, levantaram pautas referidas ao mercado de trabalho, espaços na política, na academia e como são vistas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio foi criado no intuito de mostrar a necessidade de conhecermos o significado das mulheres negras nos movimentos sociais e sua trajetória para consolidação, nos colocando diante de uma realidade invisibilizada e que não tem reconhecimento como parte fundante da história das mulheres negras brasileiras e de todo um movimento criminalizado mas que vem ganhando forças e consolidações em diversos espaços, apesar de todas as contradições sociais que são atreladas ao movimento negro e principalmente ao papel das mulheres negras na construção da história brasileira.

Que seja possível não nos esquecermos de nossas raízes parte fundante para o enfrentamento à uma sociedade rodiada de culpabilização das mazelas, racista, sexista em que nós mulheres negras fomos inseridas num contexto de sexualização e tentativa de branqueamento forçado para apagamento de uma cultura ancestral, compondo a base da pirâmide social com baixos salários e ocupando postos de trabalhos precarizados. Podemos caracterizar que desde o início de suas lutas as mulheres negras conseguiram seu protagonismo dentro do Movimento Feminista, a segregação da qual fomos acusadas não passa de uma tentativa de nos colocar em um único bloco sem entender as peculiaridades que impactam na vida e no cotidiano de uma mulher negra, acrescento ainda que precisamos nos portar ao dizer que “vidas negras importam” sem a lógica de pena e sentir muito pelas negras que já foram mortas, pelos jovens que são mortos a todo o momento e sim pela responsabilização que a sociedade brasileira tem em continuar reproduzindo a ideia do racismo e sexismo, assumindo que isso nos mata todo segundo.

Sabemos que para o Estado não é prioridade a responsabilização pelas vidas negras, os lamentos feitos não retomaram um passado presente que é dolorido mas o cenário mudaria com a inserção de políticas públicas que nós vissem, de uma educação de qualidade, saúde e segurança nas ruas, espaços de trabalho e na política para que nós fossemos formadores de nossas próprias políticas. É preciso compreender que as mulheres negras ocupam um lugar importante de representatividade e de luta, são símbolos de resistência, mas que não precisamos continuar a lutar para sobreviver, precisamos viver e que esse viver seja visto como vivências sem violência, dignas de poderem frequentar espaços que a priori nomeiam como para brancos, entrar em espaços em que não precisamos ser perseguidas ou vistas como objeto sexual para homens e que nosso corpo não é de livre acesso e nunca foi.

É preciso uma construção coletiva, forte, mulheres negras juntas combatendo o racismo e o sexismo e principalmente fortalecer os espaços da juventude de mulheres negras

para que elas sejam autoras dando continuidade à uma caminhada em que seus passos percorreram de tão longe, o momento de articulação da juventude negra é fundamental para que continuemos na busca pelo fim da violência e pelo bem viver das mulheres negras e que a narrativa do protagonismo das mulheres negras nos espaços sociais sejam feitas por elas mesmas.



## REFERÊNCIAS

BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas**, 02, 458-463, novembro, 1995.

\_\_\_\_\_. Lembrando Lélia Gonzalez. In J. Werneck, MENDONÇA M., E. C. White (Orgs.), **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. São Paulo: Editora 34, 2002. (p. 42-61).

BRUSCHINI, Cristina, UNBEHAUM, Sandra G. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. Fundação Carlos Chagas, 2002.

RODRIGUES, C. S. & Prado, M. A. M. (2010). Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, 22(3), 445-456, março, 2010.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Ciências Sociais Hoje**, 2 Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos ANPOCS, 1983.

DAVIS, A. **Mulher, Raça e Classe**. Nova York: Boitempo, 2016.

SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes. **O movimento de Mulheres Negras: Escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo, Expressão Popular, 2017.

RIBEIRO, Djamila. (2018). **Quem tem medo do Feminismo Negro**. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod\\_resource/content/0/Carneiro\\_Feminismo o%20negro.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf). Acesso: 16 de Março de 2019.

\_\_\_\_\_. <http://articulacaodemulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/06/TC-6-CARNEIRO-Suely-Mulheres-Negras>. Acesso: 13 de fevereiro de 2019. -e-Poder.pdf

\_\_\_\_\_. (2007). **O Negro no Mundo dos Brancos**.

\_\_\_\_\_. DGTIT/PCERJ. Dados organizados pelo NUPESP/ISP

\_\_\_\_\_ [https://infogram.com/mulheres\\_negras\\_e\\_violencia\\_no\\_brasil](https://infogram.com/mulheres_negras_e_violencia_no_brasil). Acesso: 18 de Janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_ [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional\\_politicamulheres.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional_politicamulheres.pdf). Acesso em 18 de Janeiro de 2019

\_\_\_\_\_ [http://www.sitraemg.org.br/post\\_type\\_artigo/o-mito-da-democracia-racial-no-brasil/](http://www.sitraemg.org.br/post_type_artigo/o-mito-da-democracia-racial-no-brasil/). Acesso: 20 de Fev. de 2019.

\_\_\_\_\_ <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1563843>. Acesso: 20 de Fevereiro de 2019.

\_\_\_\_\_ <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-negras-iniciam-organizacao-de-encontro-nacional-alusivo-aos-30-anos-de-articulacao-politica/>. Acesso: 21 de Fevereiro 2019.

\_\_\_\_\_ <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/candomble-religiao-de-resistencia/>. Acesso: 13 de Março de 2019.

**ANEXO - 1 - ANGELA DAVIS**  
**ANEXO 2 - DJAMILA RIBEIRO**  
**ANEXO 3 - EVELYN C. WHITE**  
**ANEXO 4 - LÉLIA GONZALEZ**  
**ANEXO 5 - JOSELINA SILVA**  
**ANEXO 6 - JUREMA WERNECK**  
**ANEXO 7 - LUIZA BAIROS**  
**ANEXO 8 – SUELI CARNEIRO**

Serão apresentadas a seguir algumas imagens de autoras cujos trabalhos embasaram essa monografia.

**Figura 1 - Angela Davis**



Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/angela-davis-no-brasil/>

**Figura 2 - Djamila Ribeiro**



Fonte: <https://www.uol/estilo/especiais/djamila-ribeiro.htm>

**Figura 3 - Evelyn C. White**



Fonte: <http://atlanticbookstoday.ca/author/evelyn-c-white/>

**Figura 4 - Lélia Gonzalez**



Fonte: <http://www.jornalgrandebahia.com.br/2017/07/legado-de-lelia-gonzalez-e-tema-de-exposicao-e-mesa-no-pelourinho-em-salvador/>

**Figura 5 - Joselina Silva**



Fonte: <http://forumbaianolgbt.blogspot.com/2012/04/seminario-e-treinamento-abordam.html>

**Figura 6 - Jurema Werneck**



Fonte: <https://www.globalfundforwomen.org/jurema-werneck/>



**Figura 7 - Luiza Bairros**



Fonte: <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/9678-2/>  
**Figura 8 – Sueli Carneiro**



Fonte: [www.google.com](http://www.google.com)